

Italo Calvino

**

OS ANOS-LUZ

**

Da Coletânea *As Cosmicômicas* (1965)

A obra *As Cosmicômicas* (*Le Cosmicomiche*), escrita em 1965 por Italo Calvino (1923-1985), é uma série de historietas surreais, cada qual inspirada por um fato científico que é citado a modo de preâmbulo. *Os Anos-Luz* é a última dessa lista.

Quanto mais distante está uma galáxia, mais rápido ela se afasta de nós. Um a galáxia que estivesse a 10 bilhões de anos-luz de nós teria uma velocidade de fuga igual à da luz, 300 mil quilômetros por segundo. As “quase-estrelas” recentemente descobertas já estariam perto deste limiar.

Uma noite, como de costume, eu estava observando o céu com meu telescópio.

Notei que em uma galáxia a cem milhões de anos-luz de distância erguia-se um cartaz: VI VOCÊ. Fiz rapidamente a conta: a luz da galáxia levava cem milhões de anos para chegar até mim, e como lá eles viam o que acontecia aqui com cem milhões de anos de atraso, o momento a que o cartaz se referia devia ser há duzentos milhões de anos.

Ainda antes de verificar minha agenda para saber o que eu havia feito nesse dia, fui tomado de um pressentimento arrepiante: há exatos duzentos milhões de anos, nem um dia a mais ou a menos, me aconteceu algo que sempre tinha tentado esconder. Eu esperava que, com o tempo, esse episódio tivesse sido completamente esquecido; ele contrastava nitidamente — pelo menos, é o que me parecia — com meu comportamento habitual de antes ou depois daquela data: de modo que, se alguém tentasse desenterrar aquela história, eu tinha certeza de que poderia desmenti-lo com toda confiança; e não apenas porque lhe seria impossível oferecer provas, mas também porque um fato determinado por circunstâncias tão excepcionais — mesmo que tivesse de fato acontecido — era tão pouco provável que poderia ser considerado inverídico até por mim mesmo. Mas eis que, ao invés disso, alguém de um corpo celeste longínquo me tinha visto, e a história tornava a vir à tona logo agora.

Naturalmente, eu poderia explicar tudo o que acontecera, e como tinha sido possível, e tornar compreensível, se não de todo

desculpável, o meu modo de agir. Pensei em responder imediatamente com um cartaz meu, usando uma fórmula defensiva como DEIXE-ME EXPLICAR, ou QUERIA VER VOCÊ NO MEU LUGAR, mas isto não teria sido suficiente e a explicação necessária teria sido longa demais para uma mensagem sintética que fosse legível daquela distância. Mas principalmente eu tinha que tomar cuidado para não dar um passo em falso, ou seja enfatizar com minha explícita anuência aquilo a que o VI VOCÊ se referia. Afinal, antes de me arriscar a fazer qualquer declaração eu precisaria saber exatamente o que lá na galáxia eles tinham visto, e o que não. Para isto bastaria perguntar com um cartaz do tipo: MAS VOCÊ VIU TUDO MESMO, OU SÓ UM POUCO? ou então VAMOS VER SE VOCÊ ESTÁ DIZENDO A VERDADE: O QUE FOI QUE EU FIZ? e depois esperar o tempo necessário para que vissem minha mensagem, e o tempo igualmente longo para que eu visse a resposta e pudesse providenciar as retificações necessárias. Isso tudo levaria outros duzentos milhões de anos, aliás alguns milhões de anos a mais, pois, enquanto as imagens iam e vinham com a velocidade da luz, as galáxias continuavam a se afastar entre si, de modo que aquela constelação agora não estava mais onde eu a via, mas um pouco mais pra lá, e a imagem do meu cartaz teria que correr atrás dela. Enfim, era um método lento, que iria me obrigar a rediscutir, quatrocentos milhões de anos depois dos fatos, acontecimentos que eu queria que fossem esquecidos o mais cedo possível.

A melhor linha de ação que podia seguir era fingir indiferença, minimizar a importância do que eles poderiam ter observado. Assim, apressei-me a expor bem visível um cartaz onde tinha escrito E DAÍ?. Se os caras na galáxia pretendiam me constranger com seu VI TUDO, minha calma os deixaria confusos, e concluiriam que não valia a pena continuar revolvendo aquele episódio. Se, pelo contrário, não tinham elementos suficientes contra mim, uma resposta indeterminada como E DAÍ? serviria como sondagem cautelosa sobre a extensão do sentido de sua afirmação VI VOCÊ.

A distância que nos separava (do seu marco de cem milhões de anos-luz, a galáxia já tinha saído há um milhão de séculos, afundando na escuridão) talvez deixe menos evidente que o meu E DAÍ? se referia ao seu VI VOCÊ de duzentos milhões de anos atrás, mas não achei prudente inserir no meu cartaz referências mais explícitas, pois, se a memória daquele dia, depois de três milhões de séculos, tiveste se esvanecido, longe de mim querer refrescá-la.

No fim das contas, a opinião que eles poderiam ter feito de mim naquela ocasião singular não devia me preocupar excessivamente. Os fatos da minha vida, os que transcorreram depois daquele dia, por anos e séculos e milênios, depunham — pelo menos na sua grande maioria — a meu favor; portanto, eu só tinha que deixar os fatos falarem por mim. Se, daquele longínquo corpo celeste, tinham visto o que eu fiz há duzentos milhões de anos, teriam visto também o dia seguinte, e o dia depois, e o depois desse, e mais um depois, e teriam modificado pouco a pouco a opinião negativa que poderiam ter feito de mim julgando apressadamente com base em um episódio isolado. Aliás, eu só tinha que lembrar do número de anos que já passaram desde o VI VOCÊ para me convencer que essa péssima impressão já havia sido há muito apagada, e substituída por uma avaliação provavelmente positiva, e ao menos mais condizente com a realidade. Mas esta certeza racional não bastava para me dar alívio: enquanto não tivesse prova de uma mudança de opinião a meu favor, eu ficaria com o mal-estar de ter sido flagrado numa situação embaraçosa e identificado com ela, pregado aí.

Vocês dirão que eu poderia muito bem não dar a mínima para o que pensavam de mim uns desconhecidos de uma constelação isolada. Na verdade, o que me preocupava não era a opinião limitada a este ou aquele corpo celeste, mas a suspeita de que as consequências de ter sido visto por eles poderiam não ter limite. Em volta daquela galáxia havia muitas outras, algumas em um raio menor que cem milhões de anos-luz, com observadores que

ficavam de olhos bem abertos: o cartaz VI VOCÊ, antes que eu chegasse a avistá-lo, com certeza tinha sido lido por habitantes de outros corpos celestes, e o mesmo aconteceria em seguida nas constelações mais distantes. Embora ninguém possa saber com precisão a qual situação específica aquele VI VOCÊ se referia, essa indeterminação não contava absolutamente a meu favor. Pelo contrário, uma vez que as pessoas estão sempre prontas a acreditar nas piores conjeturas, aquilo que poderia ter sido visto de mim a cem milhões de anos-luz de distância não era nada comparado com tudo o que em outros lugares se poderia *imaginar* que tivesse sido visto. A má impressão que eu poderia ter deixado com aquele momentâneo descuido há dois milhões de séculos seria portanto ampliada e multiplicada ao se propagar por todas as galáxias do universo; e eu não poderia desmentí-la sem piorar a situação, dado que, sem saber a que deduções extremas e caluniosas poderiam chegar os que não me viram diretamente, eu não tinha ideia de onde começar e onde terminar meus desmentidos.

Neste estado de ânimo, eu continuava vasculhando toda noite com o telescópio. E duas noites depois percebi que, em outra galáxia distante cem milhões de anos- e um dia-luz também colocaram um cartaz VI VOCÊ. Não havia dúvida que eles também se referiam àquela ocasião lá: o que eu sempre tentei esconder tinha sido descoberto não apenas por um corpo celeste mas também por outro, numa zona completamente diferente do espaço. E de outros mais: nas noites seguintes segui vendo cartazes com VI VOCÊ sendo levantados em novas constelações. Calculando os anos-luz verifiquei que a ocasião em que me viram era sempre aquela. A cada cartaz de VI VOCÊ eu respondia com cartazes manifestando indiferença desdenhosa, como AH É? MUITO PRAZER ou então TÔ NEM AÍ, ou mesmo uma gozação quase provocatória, como TANT PIS ou então OIII, TÔ AQUI, mas sempre ficando na minha.

Embora a lógica dos fatos me levasse a contemplar o futuro com bastante otimismo, a convergência de todos aqueles VI VOCÊ sobre um ponto singular da minha vida — convergência decerto

fortuita, devida a condições especiais de visibilidade interestelar (única exceção, um corpo celeste no qual, sempre em acordo com aquela data, apareceu um cartaz DAQUI NÃO DÁ PRA VER PORRA NENHUMA) — me fazia rolar sobre espinhos.

Era como se no espaço que continha todas as galáxias a imagem do que eu fiz naquele dia se projetasse no interior de uma esfera que se dilatava continuamente à velocidade da luz; os observadores dos corpos celestes que gradualmente passavam ao interior da esfera tornavam-se capazes de ver o que tinha acontecido. Por sua vez, cada um desses observadores podia ser considerado o centro de uma esfera que também se dilatava à velocidade da luz, projetando a mensagem VI VOCÊ de seus cartazes à sua volta. Ao mesmo tempo, todos estes corpos celestes faziam parte de galáxias que se afastavam uma da outra no espaço com velocidade proporcional à distância; e cada observador que indicava ter recebido uma mensagem, antes de poder receber outra já estava se afastando no espaço com uma velocidade sempre maior. A um certo ponto as galáxias que me tinham visto (ou que viram o cartaz VI VOCÊ (ou o cartaz VI SEU VI VOCÊ de uma galáxia um pouco mais além) chegariam à soleira dos dez bilhões de anos-luz, além da qual se afastariam a 300'000 quilômetros por segundo, ou seja mais rápidas que a luz, e nenhuma imagem poderia mais alcançá-las. Havia portanto o risco de que elas continuassem com a opinião provisória e errônea sobre mim, que daquele momento em diante se tornaria definitiva, não mais retificável, inapelável — e portanto, em certo sentido, justa, ou seja correspondente à verdade.

Era portanto indispensável que o equívoco fosse esclarecido o quanto antes. E para esclarecê-lo, só podia contar com uma coisa: que, depois daquela vez, eu tivesse sido visto mais vezes, quando eu desse de mim uma imagem totalmente diferente, qual seja, a que era — não tinha dúvida a respeito — a imagem verdadeira de mim que deveria ser considerada. Nos últimos duzentos milhões de anos, não houve falta de tais ocasiões, e para mim bastaria

apenas uma, muito clara, para não criar confusões. Então, por exemplo, lembrei de um dia no qual eu tinha sido de fato eu mesmo, quero dizer, eu mesmo na maneira que eu queria que os outros me vissem. Esse dia — calculei rapidamente — tinha sido há exatamente cem milhões de anos. Portanto, naquela galáxia distante cem milhões de anos-luz, justo agora estavam me vendo naquela situação tão favorável para meu prestígio, e a opinião deles de mim estava com certeza mudando, corrigindo, aliás desmentindo, aquela primeira impressão fugaz.

Justo agora, mais ou menos: porque agora a distancia que nos separava não era mais de cem milhões de anos-luz, mas pelo menos cento e um. Mas bastava esperar um igual número de anos para dar tempo à luz de lá chegar até aqui (a data exata quando isso aconteceria foi logo calculada, considerando também a constante de Hubble), e então poderia ficar sabendo da reação deles.

Quem conseguiu me ver naquele momento X com muito mais razão teria me visto no instante Y , e como a minha imagem em Y era muito mais convincente — aliás, diria: sugestiva, tal que uma vez vista não se esqueceria mais — é como em Y que eu passaria a ser lembrado; enquanto que o que foi visto de mim em X seria imediatamente esquecido, apagado; talvez depois de tê-lo trazido de relance à mente, como para um adeus, como para dizer: imaginem, um cara que é como Y pode acontecer que o vejamos como X e acreditar que seja mesmo como X , quando está claro que é absolutamente como Y . Agora quase que estava feliz com a quantidade de VI VOCÊ que apareciam por todo lado, porque era sinal que a atenção sobre mim tinha sido despertada e portanto não lhes escaparia meu dia mais luminoso. Esse dia teria — não, já estava tendo, fora da minha vista — uma ressonância bem mais ampla daquela outra — limitada a um contexto determinado, e além disso, tenho que reconhecer, bastante periférico. Nisso eu, na minha modéstia, estava confiando.

É preciso também considerar aqueles corpos celestes dos quais

– por distração ou má localização – não viram a mim, mas apenas um cartaz VI VOCÊ nas vizinhanças, e que portanto levantaram cartazes que diziam: PARECE QUE TE VIRAM, ou então: LÁ ELES TE VIRAM, NÉ! (expressões das quais eu sentia emanar quer curiosidade, quer sarcasmo); porque lá também haveriam olhos apontados para mim, pois, justamente por ter perdido a oportunidade não iam deixar escapar uma segunda, e, tendo sobre X apenas informações indiretas e conjecturais, estariam ainda mais preparados a aceitar Y como a única verdade realidade que me dizia respeito.

Assim, o eco do momento Y se propagaria através do tempo e espaço, alcançaria as galáxias mais distantes e mais velozes, e elas evitariam qualquer imagem posterior por correrem aos trezentos mil quilômetros por segundo da luz e levando de mim aquela imagem, então definitiva, além do tempo e do espaço; transformada na verdade que contém na sua esfera de raio ilimitado todas as outras esferas de verdades parciais e contraditórias.

Uma centena de milhões de anos não são afinal uma eternidade, mas me parecia que não passavam nunca. Finalmente chegou a noite fatídica. Já tinha apontado há um bom tempo o telescópio na direção daquela galáxia da primeira vez. Aproximo o olho direito da ocular, com a pálpebra cerrada. Levanto a pálpebra devagarzinho. Eis a constelação perfeitamente enquadrada, tem um cartaz plantado lá no meio, não dá para ler direito, ajusto o foco... Está escrito: TRA-LA-LA-LÁ. Só isto: TRA-LA-LA-LÁ.

Justo no momento em que eu tinha expressado a essência da minha personalidade, com evidencia patente e sem possibilidade de equívocos, justo no momento em que eu dei a chave para interpretar todos os gestos da minha vida passada e futura e para tirar dela uma avaliação compreensiva e equilibrada, aquele que tinha não só a possibilidade mas também a obrigação moral de observar o que eu estava fazendo e tomar nota, o que ele viu? Porra nenhuma, não percebeu nada, não notou nada de especial! Desco-

brir que tamanha parte da minha reputação estava à mercê de um cara de tão pouca confiança me deixou prostrado. Aquela prova de quem eu era, que, devido às muitas circunstâncias favoráveis que a acompanharam, podia supor irreproduzível, passou assim, despercebida, desperdiçada, definitivamente perdida para uma zona inteira do universo — só porque aquele indivíduo resolveu gozar de seus cinco minutos de distração, de diversão, podemos dizer irresponsabilidade, de nariz pro ar como um babaca, talvez na euforia de quem bebeu um copo além da conta, e no seu cartaz não tinha pensado em escrever nada além de sinais desprovidos de significado, talvez o mote que estava assobiando, esquecido de suas obrigações, “tra-la-la-lá”.

Só uma consideração me dava algum consolo: que nas outras galáxias não faltariam observadores mais atenciosos. Nunca, quanto naquele momento, estive tão satisfeito do grande número de espectadores que o velho episódio vergonhoso tinha tido, que agora estariam prontos a observar a novidade da situação. Voltei ao telescópio, cada noite seguinte. Uma galáxia na distância apropriada me apareceu, algumas noites depois, em todo seu esplendor. Tinha um cartaz. E estava escrita esta frase: SUA BLUSA É DE LÃ.

Com lágrimas nos olhos, esforcei-me para encontrar uma explicação. Quem sabe naquele lugar, com o passar dos anos, tinham aperfeiçoado tanto os telescópios que se divertiam a observar os detalhes mais insignificantes, a blusa que alguém usava, se era de lã ou de algodão, e todo o resto não lhes importava nada, nem davam bola. E assim, da minha ação honrada — digamos — magnânima e generosa, não tinham relevado nenhum outro elemento que a minha blusa de lã, uma ótima blusa, não discordo, talvez em outro momento não acharia ruim que a notassem, mas não nessa hora, não nessa hora.

Enfim, tinha muitos outros testemunhos por vir: era natural que um ou outro falhasse: eu não era um tipo de perder a calma por tão pouco. E de fato, de uma galáxia um pouco mais

além, finalmente tive a prova de que alguém tinha visto perfeitamente como me tinha comportado e deu a avaliação correta, ou seja entusiástica. Pois no seu cartaz ele escreveu: ESSE CARA AÍ É LEGAL HEIN. Mal tinha tomado nota com plena satisfação — uma satisfação, notem bem, que apenas confirmava minha expectativa, aliás minha certeza de ser reconhecido nos meus verdadeiros méritos — quando a expressão “esse cara aí” me chamou a atenção. Porque me chamou “esse cara aí”, se já me tinha visto, nem que fosse naquela circunstância desfavorável? Afinal, teria como eu não ser uma pessoa conhecida? Com alguns ajustes melhorei o foco do telescópio e descobri, no rodapé do cartaz, uma linha em letras menores: QUEM SERÁ? SEI LÁ

Dá para imaginar um azar maior? Eles, que tinham à mão os elementos para entender quem eu era de verdade, não me haviam reconhecido. Não tinham ligado este episódio louvável com aquele deplorável que acontecera duzentos milhões de anos antes; portanto aquele episódio deplorável continuaria sendo atribuído a mim, enquanto que este não, este ficava sendo um episódio impessoal, anônimo, que não passaria a ser parte da história de ninguém.

Meu primeiro impulso foi desfraldar um cartaz: MAS SOU EU!

Desisti: de que serviria? Só iam vê-lo daqui a mais de cem milhões de anos, e mais os trezentos e quebrados que se tinham passado desde o momento X , já estávamos a caminho do meio bilhão de anos; para ter certeza de ser compreendido, eu teria que especificar, trazer de volta aquela velha história, ou seja, o que eu mais queria evitar. Agora eu já não estava mais tão seguro de mim. Temia que também das outras galáxias não teria maiores satisfações. E, de fato, os que me viram, me viram só em modo parcial, fragmentado, distraído, ou entenderam o que se passava só até certo ponto, sem colher o essencial, sem analisar os elementos da minha personalidade que com esse evento ficavam ressaltados.

Só um cartaz dizia o que eu de fato esperava: MAS NÃO É QUE VOCÊ É UM CARA SUPIMPA. Corri a folhear meu caderno para ver o qual tinha sido a reação daquela galáxia ao momento X .

E não é que foi lá que apareceu o cartaz DAQUI NÃO DÁ PRA VER PORRA NENHUMA. Naquela zona do universo, com certeza eu tinha uma imagem excelente, não podia me queixar. Eu devia ter ficado contente, mas no entanto não sentia nenhuma satisfação.

Percebi que, uma vez que esses meus admiradores não estavam entre aqueles que antes poderiam ter tido de mim um conceito errado, eles não me importavam nem um pouco. Eles não podiam me confirmar que o momento Y desmentiria e apagaria o momento X , então meu incômodo continuava, agravado pela longa espera e por não saber se as causas foram ou seriam removidas.

Naturalmente, para os observadores espalhados no universo, o momento X e o momento Y eram apenas dois de inúmeros momentos observáveis. De fato, a cada noite, nas constelações mais ou menos próximas, apareciam cartazes que se referiam a outros episódios, cartazes que diziam VAI INDO QUE VOCÊ CHEGA LÁ, VOCÊ ESTÁ SEMPRE AÍ, CUIDADO COM O QUE VAI FAZER, EU FALEI, NÃO FALEI?. Para cada um deles eu podia fazer a conta, os anos-luz daqui até lá, os anos-luz de lá até aqui, e determinar a qual episódio se referiam: todos os gestos da minha vida, todas as vezes que enfiei o dedo no nariz, todas as vezes que consegui pular do bonde andando, estavam ainda lá, viajando de uma galáxia a outra, e eram levados em conta, comentados, avaliados. Comentários e avaliações não eram sempre pertinentes: a mensagem TSC TSC correspondia àquela vez que doei um terço do meu salário para uma campanha de caridade; a mensagem DESTA VEZ GOSTEI a quando eu esqueci no trem o manuscrito do tratado que me tinha custado tantos anos de estudos; e a minha famosa palestra na Universidade de Gottinga tinha sido comentada com a mensagem: CUIDADO COM AS CORRENTES DE AR.

Em um certo sentido, eu podia ficar tranquilo: nada do que eu fazia, de bom ou de ruim, se perdia completamente. Sempre um eco se salvava, aliás: múltiplos ecos, que cobririam de uma ponta à outra do universo, naquela esfera que se dilatava e gerava outras esferas. Mas eram notícias descontínuas, desarmoniosas, espúrias, das quais não resultava o nexos das minhas ações; e uma nova ação não conseguia explicar ou corrigir a outra, assim que ficavam somadas uma à outra, com sinal positivo ou negativo, como em um compridíssimo polinômio que não pode ser reduzido a uma expressão mais simples.

O que eu poderia fazer, nesta sinuca? Gastar mais tempo com o passado era inútil; até agora, o que se passou, passou; tinha é que cuidar para que fosse melhor no futuro. O importante era que, de tudo o que eu fizesse, ficasse sempre claro o que era essencial, onde devia cair o acento, do que se devia tomar nota e do que não. Arrumei um enorme cartaz com sinal de direção, daqueles que tem uma mão apontando com o dedo indicador. Quando me envolvia em uma ação na qual eu queria chamar a atenção, bastava-me levantar esse cartaz, procurando fazer com que o dedo apontasse para o detalhe mais importante da cena. Para os momentos nos quais, pelo contrário, queria passar despercebido, fiz outro cartaz, com uma mão de polegar estendido na direção oposta à minha, de modo a desviar a atenção.

Bastava que eu carregasse esses cartazes onde quer que eu fosse, e levantasse ou um ou o outro conforme as circunstâncias. Era uma operação de longo prazo, naturalmente: os observadores a centenas de milhares de milênios de anos-luz de distância levariam centenas de milhares de milênios para notar o que estou fazendo agora, e eu levaria outras centenas de milhares de milênios para ler as suas reações. Mas este era um atraso inevitável. Havia porém outro inconveniente que eu não tinha previsto: o que deveria fazer quando percebesse que levantei o cartaz errado?

Por exemplo, em um certo momento eu tinha certeza que es-

tava para fazer algo que me daria dignidade e prestígio; imediatamente abanava o cartaz com o indicador apontando para mim; mas justo naquela hora me atropelava num papelão, num fora imperdoável, numa manifestação de baixeza humana dessas de querer afundar na terra de vergonha. Mas a jogada já estava feita: aquela imagem, com um baita cartaz de dedo apontado, estava já navegando pelo espaço, ninguém podia mais impedi-la; devorava os anos-luz, se propagava pelas galáxias, e provocaria nos milhões de séculos futuros comentários e risadas e narizes torcidos, os quais, após outros milênios, chegariam até mim e me obrigariam a dar desculpas ainda mais desengonçadas, a tentativas canhestras de correção...

Noutro dia, pelo contrário, eu tinha que enfrentar uma situação desagradável, um desses casos da vida pelos quais somos obrigados a passar, sabendo de cara que, aconteça o que acontecer, não temos jeito de nos sair bem. Fiz de escudo meu cartaz com o polegar apontando na direção oposta, e fui em frente. Inesperadamente, naquela situação tão delicada e espinhosa eu demonstrei uma presença de espírito, um equilíbrio, uma elegância, uma determinação nas decisões que ninguém — muito menos eu — nunca teria suspeitado em mim: revelei de repente uma reserva de virtudes que pressupunham a longa maturação de um caráter. Mas entretanto o cartaz distraia o olhar dos outros observadores, fazendo-os convergir para um vaso de peônias ali ao lado.

Casos como estes, que no início eu considerava apenas exceções e frutos da inexperiência, me aconteciam com cada vez mais frequência. Só tarde demais percebia que deveria ter apontado para o que não queria que fosse visto, e escondido o que acabei indicando: não havia como passar na frente da imagem e avisar que o cartaz devia ser ignorado.

Experimentei em fazer um terceiro cartaz com dizeres: IGNORE O CARTAZ para levantar sempre que quisesse desmentir o cartaz anterior; mas em cada galáxia esta imagem seria vista só depois da que deveria ter corrigido, e então o dano já estaria

feito e só podia acrescentar mais um papel ridículo, para a qual um cartaz IGNORE O CARTAZ DE IGNORE O CARTAZ teria sido igualmente inútil.

Continuei vivendo na espera do momento remoto quando das galáxias chegariam os comentários, com sua carga de vexame e constrangimento para mim, que eu combateria lançando contra eles minhas mensagens de resposta, que eu já estava preparando, graduadas para cada caso. Enquanto isso, as galáxias nas quais minha imagem estava mais afetada estavam já rolando através do limiar de bilhões de anos-luz, a tais velocidades que, para alcançá-las, minhas mensagens deveriam arrancar espaço afora perseguindo sua aceleração de fuga: e eis que uma a uma logo desapareceriam através do horizonte derradeiro de dez bilhões de anos-luz, além do qual nenhum objeto visível pode mais ser visto; e levariam consigo uma avaliação agora já irrevogável.

E pensando nesse conceito que eu não podia mais alterar, me veio de repente uma sensação como de alívio, como se pudesse alcançar a paz apenas quando àquele registro arbitrário de mal-entendidos não haveria mais nada a acrescentar ou tirar; e sentia que as galáxias, que pouco a pouco ficavam reduzidas à última réstia de raio de luz ainda despontando fora da esfera da escuridão, levavam consigo a única verdade possível sobre mim, e não via a hora que, uma a uma, todas seguissem o mesmo fim.

*